



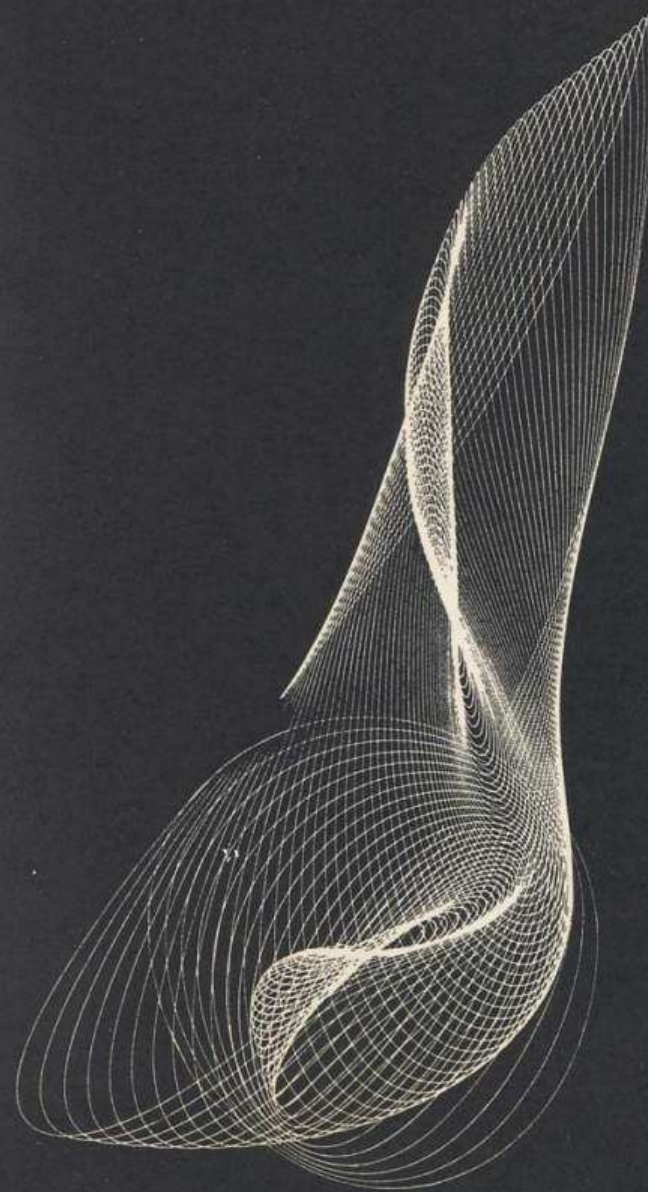
1

VOL 1 (1965-1972)

j. chrys chrystello

**CRÓNICA
DO QUOTI
DIANO IN
ÚTIL**

j. chrystello



... para todo o artista, viver é sentir-se em plena actualidade, é estar-se no «agora», no lance insubstituível ou intransferível das situações ...

... expressar o intuitivamente vivido consiste em dizer ou verter, nas formas da linguagem, o vivido ...

... quanto mais vivo, pleno de energia, tiver sido o misterioso momento da vivência, maior riqueza poderá conter a forma expressiva ...

... perante um poeta o que interessa conhecer é a que ponto terá ele participado na situação que lhe foi dada viver, para que, da sua plenitude, desse autêntico modo de viver, sintamos, com a mesma energia, idêntica vitalidade, o «mundo» por ele vivido ...

SÉRGIO A. VIEIRA

**CRÓNICA
DO QUOTI
DIANO IN
ÚTIL**

J. Chrystello

908

Capa de LOURDES CARNEIRO

Composto e impresso na Tipografia Rocha • Rua Soares dos Reis, 604 • Vila Nova de Gaia

PREFÁCIO

É sempre risco desejar-se compreender e explicar — pela redução a valor conceptual ou a valor lógico — o sentido que um poeta põe na sua forma expressiva, porque toda a explicação ou justificação se circunscribe, se limita, se faz em relação a conceitos lógicos, o que, sem dúvida, pertence a outras dimensões da existência humana. Esta é sempre indeterminação e problematicidade. Dimensiona-se por sendas que se não podem aprióricamente determinar ou conhecer. Por isso mesmo, é sempre arriscado fazer-se crítica, ainda que, presuntivamente, se apregoem teorias e se defendam direcções de pensamento, com o que discordamos, porque, normalmente, o que pretendemos explicar sobre a conduta dos outros constitui mera opinião. É que a tudo se antepõe a vida. A verdade ou que desejamos que seja é posterior a um curso vital e, por isso mesmo, problema de si própria. Nunca temos na mão a verdade, mas uma madeixa de contraditórias interpretações, sem fundamento ontológico.

Toda a arte será, na sua essência, expressão dum modo de intuir o que se dá ou oferece ao artista como sendo a fulguração da realidade num determinado instante do curso da vida. Dir-se-á ser, no simbolismo das suas formas, a linguagem duma dimensão vital, que se não repete, nem se mede, porque o vivido é forma do tempo e o tempo é irreversível.

O artista, sob pena de atraiçoar a sua função, não se dobra sobre as suas intuições passadas. Não se repete nem vive situações definitivas. É que, para todo o artista, viver é sentir-se em plena actualidade, é estar-se no «agora», no lance insubstituível ou intransferível das situações em que a emoção é ingrediente que entra no contexto das referências à vida. Justamente por isso, expressar o intuitivamente vivido consiste em dizer ou verter, nas formas da linguagem, o vivido, ou seja, o que aconteceu, como sentimento interpretativo, na alma do artista. — Há sempre conexão entre o intuído e a expressão. — Quanto mais vivo, pleno de energia, tiver sido o misterioso momento da vivência, maior riqueza poderá conter a forma expressiva. Talvez, por isso mesmo, seja fácil adivinhar num artista a impostura, quando, nas formas da sua linguagem e pelo seu estilo, não nos comunica algo de novo, de actual, ou não conduz a sentir a riqueza do momento e a energia da vida de que aquele é reflexo.

O que caracteriza a beleza é algo que, ontologicamente, poderá ser para cada um de nós, de modo distinto, singular e que adivinhamos numa realidade que se oferece como possibilidade existencial.

Quando nos encontramos perante um poeta o que interessa conhecer é a que ponto terá ele participado na situação que lhe foi dada viver, para que, da sua plenitude, desse autêntico modo de viver, sintamos, com a mesma energia, idêntica vitalidade, o «mundo» por ele vivido e cuja trama nos é comunicada nas simbólicas notações da linguagem.

Só podemos chegar ao mundo do poeta (como compreender o mundo dos acontecimentos históricos), pelo abandono temporário de nossos hábitos de pensamento ou de nossas funções pensadas, procedendo-se como quem faz um parêntesis na sua vida e se situa no âmbito do momento das criações do poeta. Se o não fizermos, por insensíveis à trama duma situação dada, corremos o risco de não poder significar e sentir o que possa existir de pleno, de enérgico, de vital, na forma simbólica da expressão do poeta. Justamente por isso, em relação ao jovem poeta José Chrystello, desejamos que o não vejam com a rudeza e a Intranscendência dos conceitos e das deformações do pensamento crítico, mas que o olhem como que mergulhados no seu mundo, no momento de suas vivências. Só desse modo devem ser vistos os artistas e, neste caso, o poeta que temos presente nos dá conta de sua delicada sensibilidade, de sua inquietude e emotividade, ou seja, dos nexos do vivido e sentido, dos quais emerge a verdade do poeta, da sua verdade, que pode, também, ser a nossa.

5 de Maio de 1972

SÉRGIO AUGUSTO VIEIRA

aos meus pais de quem nasci
aos amigos que não tive
aos deserdados
e aos outros
os que nunca me lerão
deixo estas páginas perdidas
num qualquer TEMPO VAGO

Abril, 17-72

I CRÓNICA DO QUOTIDIANO

— 11 h.

A correr do café com leite para o eléctrico torrado.
Palavras marteladas pelo HÁBITO INCÓMODO.

— Quinze tostões.

Direito a empurrões, pisadelas.
O pó é grátis
Por vezes o cheiro da democracia custa a engolir.

— O século vinte é o da poluição.

Chiar metálico, profundo, a fundo.
Projectam-se corpos em várias direcções.
Desculpas.
Insultos.
Protestos.

— Chego sempre depois do prof.

Subo as escadas repetidas.
Essencial não correr agora.
47 degraus, 4 patamares, 23 degraus mais dois patamares.
Inconvenientes de haver facultades em sótãos.
Corredores austéros e mudos.
Portas gravemente fechadas.
Abro uma, baixo a cabeça.
Equilibrismo.
Sento-me na última fila.
Ao longe, mesmo lá onde o fumo acaba, um tipo discursa
Língua de símbolos que ninguém entende.
Papalvos olham sem escutarem.
Palavras metálicas chocam na surdez das paredes.

— INEXORAVELMENTE O TEMPO.

Chegar.

Dormir.

Sair.

Sempre caras iguais
gordas
coradas
tímidas

Sem remorso nos OLHOS INÚTEIS

Sempre iguais
esguias
pálidas

Ousadia dançando nos lábios sensuais.

O Tó-filho-família continua a trocar de carro cada três meses
Ar de superioridade afivelado ao desdém.
Sentado à minha direita um barbudo sebento
Limpa unhas com fósforos (ah estes contestatários!)
Enfim uns leem, outros fingem que escrevem.
De repente como impelidos por molas, saiem, misturam-se.
Perdem-se até se reencontrarem nos mesmos sítios, dias,
horas.

Um dia não aparecem,
Passados meses são homenageados, póstumamente,
HERÓIS-DE-ESPADAS-DE-TÉDIO;
Escudados na indiferença venceram a vida:
Jamais tornarão a ler jornais desportivos.
Engrossarão o slogan dos que deixaram de fumar.

— Saio.

Respiro ar poluído e não noto.
Páro à porta da U.
Entram. Saiem. Espero.
Por entre corpos que caminham, vejo-a.
Atravessámos o HÁBITO INCORRUPTO feito rua,
Tomámos o mesmo eléctrico.
Falámos, nada dizemos: «adeus, até logo».

Vejo se há correio, subo.
2 degraus, patamar,
mais 18 degraus no elevador das pernas.
Chave na fechadura.
Sobretudo no bengaleiro, num aconchêgo.
Livros na cadeira.
Um almoço igual a outros.
À tarde, o café, os amigos de ontem,
Esperando hoje um amanhã que os leve.
As pêtas do costume.
Conversas repetidas.
Irreprimível vontade de mudar,
Algo se escoia por entre os dedos do tempo.
Sol disfarçado de sombras
proporcionais à altura, à luz, à superfície.
Nas profundezas a revolta de um grito adiado.

— Jantar.

«A família é um ente colectivo, sagrado, indestrutível».
Perguntas morrendo sem resposta.
O enfado. O café. Os amigos.
Uma cama com um jornal, um rádio com música
Essencialmente música.
Um sono.
Dormir.
Este todo que se esgota, se repete.
Monólogo de vida,
Até um diálogo de morte.
Quem sabe se sonho, pesadelo?
Desânimo.
Um dia, noite, sempre.
Até que seja tarde.
Irremediavelmente
como certeza na angústia, essa DÔR DERROCADA.

— INCOMPLETA A OBRA.

II

A PALAVRA - BREVE suspende-se do fio tenso das bocas
Expande-se pelas propriedades elásticas
Queda-se no limiar deste SILÊNCIO MASTIGADO.

A PALAVRA - BREVE é uma saudade
Dôr plangente por quem parte
Vai-se de nós esse instante
Fica-nos a muda constelação do sonho.
Acordámos com um travo salgado de lágrimas ou estrelas.

A PALAVRA - BREVE nasce com a amizade
Na fronteira do interesse
Cresce por entre ondas de necessidade
E vai repousar exangue no suor húmido dos amantes.

A PALAVRA - BREVE é o instante-não-imaginado
Mediando vida e morte /
Detendo-se no enfadonho momento
A que póstumamente chamaremos feliz.
Quedar-se-à numa lage branca de cemitério.

III

ESTE TEMPO É QUADRADO
EM CADA CANTO UMA ANGÚSTIA
O CENTRO SOU EU.
MEU PAI CHAMA-ME (sempre) EGOCENTRISTA.

IV

(insofridamente, vives)

Esta lua inventada
Prostituta velha, desdentada
De face rugosa, caiada
Espera na esquina do TEMPO VAGO
Um louco ou poeta que a vá buscar.
Dormirá com ele em lençóis de luar.
Dará o corpo, o nome, a alma,
Dela ficarão as palavras dum poema a chorar.

V

ainda este fatum de árvores com sexo nos olhos
cio de ramos em abraços lânguidos
estrelas perdidas nas folhas dum TEMPO INCORRUPTO
olhos de propiciarem desejo
espelhos multifacetados
musgo pustulento gerando promessas
na boceta dos sentimentos
entream-se os lábios do vento
altas espigas ondulam sob palavras
movimentos ogivais de prazer
suor sangrento de corpos violados
música mista de instinto e amor

VI LISBOA

LISBOA, este sentir de perto o longe tão longe
 , amar o amor não amando
 , desejo súbito de fugir.

LISBOA, este amanhã que ficará por hoje
 , este dar-se de dentro renovado em cada recusa.

LISBOA, chão que piso, imagem de sol que amo
 , este sentir de perto o longe tão longe
 , de ti fala a memória dos dias longe e perto.

LISBOA, cidade pequenina, onde as pessoas se chocam e
 seguem
 , na indiferença ao rio-destino.
 , provincianismo mesquinho de te saber distante,
 ausente.

LISBOA, impessoal,
 , europeia,
 , americana,
 , que nunca portuguesa.

LISBOA, este correr rápido, constante, asfixia, cansa, mata.
 , tempo de agora vivido na pressa de cada momento.
 , a gente,
 , os carros,
 , bulício mecânico,
 , roda-dentada da civilização rotineira
 , grilheta do desenvolvimento.
 , a fauna,
 , monólogos que se entrecrocaram.
 , cara,
 , mãos,
 , olhos de cidade,
 , gestos urgentes que se dão e se vendem.
 , promessas-mentiras de prostituição aviltada,
 sofisticada.

LISBOA, colectiva,
 , social,
 , necessária, enojantemente vendida ao mito,
 , ao desejo
 , à farsa
 , até onde à beleza?

LISBOA, onde nunca, mesmo nunca encontrarás um lisboeta.

Porto e Maio 29 - 71

VII POVO

a tradição em que vivíamos
 falava-nos de barcos, terras distantes,
 por isso no séc. XX colonizámos a Europa "a salto"

numa mão um saco cheio de esperanças iludidas
 na outra um naco seco de pão-centeio,
 meses depois bilhete de volta para Portugal

VIII

(a farsa dos dias no calendário)

as flores hoje venderam-se bem
para cumprirem o dever anual de murcharem
por entre castiçais, velas, ossadas
hoje as flores sentem-se sagradas
vão nas mãos dos vivos dar côr e perfume aos mortos
mas ninguém reparou
naquela flor murcha
na jarra do "TEMPO INÚTIL"
ninguém pegou nela com mãos de vida
e ela morreu sem flores nem velas.

IX

nos eléctricos
o último banco-de-trás
é incómodo
mas, paradoxo:
os rapazes tímidos
erguem os olhos do chão,
quando entram raparigas
erguem os olhos do chão!

X introdução

DO LADO DE LÁ DA TERRA
A VIDA FAZ-SE PARA OS HOMENS
QUE A VÃO PERDER NA GUERRA

(onde se fala de GUERRA)

- a) No vietnam diferenciam-se as crianças sem ser pela côr da pele
para elas não há noite ou dia é sempre inferno, destruição.
Com irmãos às costas ou amparadas em muletas
passam com sorrisos embrutecidos a caminho dos hospitais.
É lá que ouvem falar de paz, aos soldados,
por entre paredes que às vezes até são caiadas,
lá onde as camas antecedem campas frugais.
A violência martelará as suas letras 24 horas ao dia;
enquanto andarem nas ruas e estradas hão-de ver sangue
cheirar a sangue, palpá-lo, sugá-lo quente.
Para as crianças do vietnam
a fome, tem quatro letras, escreve-se à custa de pais e irmãos,
isso aprendem elas a preço de morte, amputação.
Aos cinco anos as crianças viets são soldados
aprendem o manejo de metralhadoras e granadas
e não brincam às guerras nem aos polícias e ladrões.
- b) No vietnam as crianças têm muitas férias
ao chegarem às escolas, estas já não existem.
Naquelas paragens é irresolúvel o problema da habitação
devido ao clima quente (chamam-lhe explosivo).

Ninguém fala em poluição ou em taxas de mortalidade
a não ser por ironia.

No vietnam a censura na televisão é dispensável:
as crianças não são afectadas por filmes de terror.
Se as divindades de inúmeros braços fossem

contemporâneas
os profetas esculpidos seriam fotos das zonas
bombardeadas.

Lá o amor é proibido por causa da falta de tempo
Sempre que há tréguas, milhares de viets
recolhem traumatizados aos hospitais
(o silêncio também mata).

Como desporto autorizado a defesa da vida,
não tem regras, assemelha-se ao tiro-ao-alvo.

- c) Os poucos velhos que sobrevivem
não contam o que viram para não terem nojo de nós.
Por isto, sorrio-me de alguém dizendo ao meu lado:
"em Portugal as crianças não chegam a sê-lo,
corrupção, violência, vícios, até na TV..."
rio-me, já o não ouço.

Por entre o vento, lá longe
o matraquear certo da metralha,
pelo clarão das bombas passam soldados a correr
atrás do troar das explosões
com gritos suspensos das gargantas caladas,
vidas que se esvaiem em poças de morgue.
Morte.

Violência.

Destruição.

A - M - B - I - Ç - ã - O ...

... ..

De repente dou comigo a dar esmola a um miúdo.

epilogo

(à memória póstuma duma consciência)

EM CADA MINUTO DE SILÊNCIO
HÁ MILHÕES DE GRITOS DE SOCORRO
POR TI IGNORADOS.
ENTRETANTO CONGRATULAR-TE-ÁS
POR TERES TIDO UM MOMENTO DE DESCANSO.

(e tu, refugiada nos corredores do sonho, como arrastas a curiosidade dos dias enganados?)

- a) Rio-me ó caras de mocho
que cruzais os meus ELÉCTRICOS DO ETERNO-ENFADO.
Olhos piscos, observadores,
cabeça rodando em movimentos calculados
medindo de alto a baixo as pessoas,
ar prescrutador, crítico.
Pergunto: que ideias habitarão a cabeça encanecida?
Quantos crimes contra o tradicional lá terão sido julgados?
- b) Ontem ou um qualquer outro DIA IMAGINADO
um mocho de sexo indefinido pela idade
tirou-me medidas
à distância dos bancos opostos,
nos olhos piscos
eu criava o retrato de mim:
— ... cabelos com'ós, duma rapariga,
e as barbas parecem dum cristo!
Que exagero aquele nó da gravata!
Mas bem compostinho, lá isso está
colete, corrente d'ouro, mas d'aliança, valha-o Deus!
Esta gente tem medo que lhes não chegue o tempo?
Casam-se ainda crianças, não há meio de m'abituarem
e corcovado que até parece marreca, se calhar é,
os vícios é que os põem assim,
habitua-se novos, depois mirram-se,
reparando melhor até tem cara de velho.
Mas rico fato e a camisa lavrada?!
(De que mais se hão-de lembrar agora?)
Parece aquele da televisão
como é que se chamava...
... se calhar é aquele cantor o...

"BILHETE IIII ?

Ó senhor! Parece qu'embirrou comigo!
Já mo pediu três vezes,
é de dois e quinhentos, pois então!
Ora não querem lá ver o raio do homem!
Pobrezinha senhor, mas honrada que nem as honradas
ora o raio do home!"
E sapatos com fivela
parecem do meu defunto avô
que Deus lá tenha! (benze-se)
Olha, traz livros
se calhar anda na universidade
e casado, vejam lá!
Que cara, tão pálido e que olheiras, Jesus!
É o que eu digo noitadas, bebidas
depois ficam, que nem múmias ou lá o que é!
Vai sair, se calhar mora nestes prédios novos
não sei como conseguem viver tão alto
têm prá'í dez andares.
Até tinha vertigens, eu,
não me queria ver lá
sem me poder chegar a uma janela;
umas alturas, *nem se vê quem passa...*"

- c) "A senhora se quiser pode sentá-lo aqui
no meio cabe bem, graças a Deus,
chegue-se mais para cá.
Que rico menino! Quantos anos tem?
Ai Jesus que crescido está!
Já anda na escola?
Bem me queria parecer
é como a minha nêtinha,
mas que lindo menino (acaricia-lhe os cabelos)
chegue-se mais, não tenha medo!

XII

EU SOU O RIO
TENHO-TO DITO REPETIDAS VEZES.
CAMINHO DA NASCENTE
DIREITO AS AREIAS,
O RIO NÃO ACABA
NEM SE REPRODUZ EM LAGO OU RIO
VAI FRACO, MORIBUNDO
ATÉ ÀS DUNAS.
EU SOU O RIO.

... ..

SÓ SE É RIO UMA VEZ (NA VIDA).

XIII CROSS ROADS

SEGUIMOS CAMINHOS CRUZADOS
NA ESPERANÇA INFUNDADA
DE NOS ENCONTRARMOS NO INFINITO;
E NINGUÉM LHE VAI PEDIR
A ANTECIPAÇÃO DESSE ENCONTRO.

XIV

(a mulher de gaze, voltou, gesto de bruma rasgando
lembranças)

com a palavra desconhecida
roçando o chão
ergueu-se a montanha de cristal
transparente, lúcida, vibrátil,
a palavra gerada
num rôjo às estrelas
cresceu,
prehe multiplicou-se,
estendeu ramos de luz
tu, construída de trevas, algas e cinzas
abriste os olhos do sonho
no bordel do teu corpo
à luz rasa do cabelo,
boca sensual
sombra leve com pavor de linguagem,
despida de música;
subiste da colina turva
com sons pensativos,
penetráste de joelhos no grito,
imploráste com lágrimas arrancadas às nuvens,
deixáste cair contigo o orgulho
num sorriso molhado,
mãos crispadas em frenéticos vaivéns,
erigida a súplica
fingem que ta ouvem
no seio da noite,
uma melodia nova
baila-te no coração incorrupto
nessa pedra de ondas revoltas
sino musguento gemendo num SILÊNCIO BRANDO.

penetra-te a voz oculta na noite
a palavra indiferente fixa-te à escravidão,
com sexo num murmúrio vago
agradeces de joelhos,
o teu combóio maldito
continuará rasgando o chão
como corpo de terra lavrada,
ferramentas de sangue
bandeiras de espuma esmiuçada;
o enorme talude da montanha de cristal
sem palavras que o escalem
aceita afagos às trepadeiras desenfreadas
sobranceiro ao vaivém de sombras pardas;
muros inóspitos sem oceanos nem jardins de cravos,
colinas nuas onde sobem mãos de pássaros,
lâminas altas, cortantes;
na atmosfera perdida em passos
a paisagem ergue-se abrupta e respira...
no silêncio das noites de cio
continuarás a vender o corpo
rojada às estrelas sem brilho,
no chão onde as palavras passam
só tu não calcas o desejo com palavras.

XV

(como é triste sermos adultos)

EU QUERIA SER DEUS
COM ALMA DE CRIANÇA,
PARA NÃO OUVIR AS CRIANÇAS
DIZEREM MAL DE DEUS.
QUEM CRIA O HOMEM
A FOME, A GUERRA E A MORTE
TEM FORÇOSAMENTE DE SER TIDO POR MAU.

XVI CRISTO (RE)CRUCIFICADO

- a) Mudo, no seu silêncio de metal castanho
quieto, no seu imobilismo de crucificado
calado, no seu ofício de não chorar a dôr
cego, por ver mais que outros
surdo, a discursos e promessas,
assim evoco o crucifixo
por sobre a minha cama de criança.
Atemorizava-me!
No metal vulgar, algo sobrenatural
me impelia a só dormir após uma prece.
Recordo-o
sem sangue escorrendo das chagas
sem saber da sua sede de vinagre,
já os olhos acobreados não personificam sofrimento,
nem se lê dôr na boca entreaberta,
a coroa de espinhos não tem flores.
- b) (Neste crucifixo de metal acastanhado
Cristo existiu apenas em corpo e alma de minério,
não salvou corpos enquanto não prégou às almas,
não arrastou turbas fanáticas ou crentes,
não caminhou por sobre as águas,
nem multiplicou o pão.
Aqui Cristo esteve encarcerado
sem poder lançar a semente do novo-testamento,
sem fazer milagres
nem desafiar governos corruptos.
Calado,
imóvel,
a tudo assistiu sem dar um passo fora da parede
sem uma palavra, um conselho.

Talvez estivesse mais humano,
não havia pobres nem doentes,
os fariseus não mercavam em templos sagrados,
tudo era banal.

Talvez por isso no lugar do crucifixo
esteja agora uma planta da cidade
manchada de sangue, morte, ódio, até amor,
e eu já não rezo preces a símbolos.
As paredes acabariam por recusar
o peso de mil e tantos anos
de palavras de paz diàriamente desmentidas.
Hoje, talvez, descrença num Cristo
imolado a todo o momento
sem Deus-Pai que o salve.
MORRER TAMBÉM CANSA.)

- c) Hoje máquinas feitas por homens
substituíveis a qualquer contratempo
proclamam índices de produtividade, eficiência,
ignorando amor ao próximo são endeusadas.
E quem sabe se o crucifixo terá sido fundido
na voragem de um qualquer DEUS-MÁQUINA?!
- d) Portugueses e tradicionalistas
introduzindo inovações técnicas
comemorarão o nascimento de Cristo
em presépios de luz indirecta,
palha sintética,
bafo eléctrico,
Reis-Magos telecomandados,
louvares pastoris gravados em disco.
E Jesus será um boneco mecânico
controlado à distância.

— Assim consumaremos a homenagem a mais um mito —

XVII

(a planta da cidade na parede em frente)

e as ruas do silêncio onde estão?
onde moram as prostitutas de corpos engelhados
sem direito à reforma?
onde são os bairros elegantes e as avenidas novas da mentira?
onde fica o casebre-de-lata construído de ilusões?
onde ficam as ruelas de má-fama com sonhos desfeitos,
trapos pendurados às janelas sem sol?
onde vivem os frustrados, os padres-ricos, os senhores?
coabitam todos no emaranhado de traços, do papel da parede?
os cidadãos com a 4.ª classe que vão aos barbeiros de 4.ª,
vivem em enxovias e comem o pão que ninguém mais quer,
onde estão?
os barqueiros do douro prematuramente reformados
à espera de sonhos para passarem à outra banda,
onde dormem com suas barcaças velhas?
os mendigos das esquinas, os pedintes, os aleijados,
os estropiados, os cegos arranhando violinos mudos,
onde comem?
os meninos sem casa, crescendo por entre a vida
onde vão fazer amor com as raparigas sem futuro?
— e a isto nada me responde a planta da cidade —

XVIII

(dia de fiéis)

parado, com respeito de vivo
por entre veneradores de memórias-saudade
observo as faces humoradas das pessoas anónimas
sinaleiros uniformizados regulam o trânsito
páram com um sorriso malicioso nas pupilas brilhantes
com corpo de adormecer estrelas passa uma figura impante de
formas

os carros páram, há comentários
brilham sóis no sexo das pedras pisadas
e lá dentro no cemitério do «eterno repouso»
nem um só morto se moveu dentro do caixão

XIX

Um poeta-ministro das finanças
seria uma calamidade económica.
Se houvesse um ciclone
não importaria o vento nas frestas do ministério
haveria subvenções aos desgraçados
dos "bidonvilles".

Quando houvesse um terramoto
seriam salvos os soterrados mais pobres
para terem uma vida (MAIS) decente.

Os ricos pagariam mais impostos,
miseráveis, pedintes, velhos
seriam a elite do desafôgo.

Os novos teriam subsídios de amor.

Os industriais da guerra passariam a lavradores
para ninguém morrer de fome.

Num país assim os poetas seriam desnecessários
para dar corpo a tal mito.

Mas é urgente descobrir um poeta

REPITO

É INDISPENSÁVEL UM SÓ!

PARA MINISTRO DAS FINANÇAS.

XX

O poeta disfarçado de mágico
parte e vai

trânsito de ideias cruzando ruas

— fantasia e automóveis. —

Mesmo no centro da praça com estátua
uma pomba anônima suja a cidade
fazem-se revoluções nos cafés das utopias
sentadas em torno de chávenas vazias.

O povo avulso clama em altos brados

— súplicas esbatidas no ruído da cidade —

exigências que se prolongam agudas,
governantes sorriem afáveis

apertos de mão

palmas nas costas...

a esperança adiada, desvalorizada

sempre a esperança em mãos que se embrulham

contas por pagar

traumatismos inúteis em busca de desculpas com juros.

A inflação dos bolsos vazios

bocas com fome nos dias desesperados.

O sorriso para turista ver e comprar

— almas de luto em caras de festa —

O poeta disfarçado de mágico

é o povo

diariamente passando sub-vivo

coração de pomba

com um cadáver no estômago,

ilusões coloridas no chapéu

para pagar dívidas.

(O povo disfarçado de ilusionista

morre anonimamente em praças sem estátuas

prolongam-se revoluções, afogadas em chávenas vazias

preços sobem à medida que vidas baixam.

... e depois dizem que a mortalidade é alta em...).

XXI

ODE

Os dedos são o engenho ancestral

boca, sexo, movimento perpétuo

animo-os repetidamente com gestos pensados

calculados

repetidos.

Os dedos são a medida do TEMPO VAGAROSO

suados

calosos

trémulos

linguagem universal de poesia.

Os dedos são a poesia

vibrantes pedras

raro metal,

eternas máquinas de fabricar dinâmica

eles partem e vão

arrojados exploradores do silêncio

à conquista da selva branca, virgem,

empunhando moderna arma

filha da técnica actual:

a esferográfica.

Os dedos-bandeirantes-sem-medo

partem e vão, indómitos

desbravando a folha branca, enorme

trilhando caminhos insuspeitados

traçando hieróglifos nos confusos mapas

carícias brandas de cristal que não arde.

Não rasgam corpos de bruma

nem destróiem ignotas civilizações

apenas escrevem poemas nas folhas de papel.

ÍNDICE

I	CRÓNICA DO QUOTIDIANO	MARÇO, 4-70
II	PALAVRA-BREVE	SET., 29-71
III	(este tempo é quadrado)	OUT., 12-71
IV	(insofridamente, vives)	OUT., 12-71
V	(fatum de árvores com sexo nos olhos)	ABRIL, 11-72
VI	LISBOA	JULHO, 31-68/MAIO, 21-71
VII	POVO	JULHO, 26-70
VIII	(a farsa dos dias no calendário)	NOV., 2-71
IX	(nos eléctricos)	MAIO, 12-71
X	introdução - (onde se faia de GUERRA) -epilogo	MAIO, 7-71
XI	(e tu, refugiada nos corredores do sonho, como arrastas a curiosidade dos dias enganados?)	JAN., 15-72
XII	(eu sou o rio)	JAN., 3-72
XIII	CROSS ROADS	
XIV	(a mulher de gaze, voltou, gesto de bruma rasgando lembranças)	MARÇO, 7-72
XV	(como é triste sermos adultos)	NOV., 2-71
XVI	CRISTO (RE) CRUCIFICADO	DEZ., 22-71
XVII	(a planta da cidade na parede em frente)	NOV., 28-71
XVIII	(dia de fiéis)	NOV., 2-71
XIX	(um poeta-ministro das finanças)	FEV., 10-72
XX	(o poeta disfarçado de mágico)	ABRIL, 21-72
XXI	ODE	ABRIL, 24-72

ERRATA

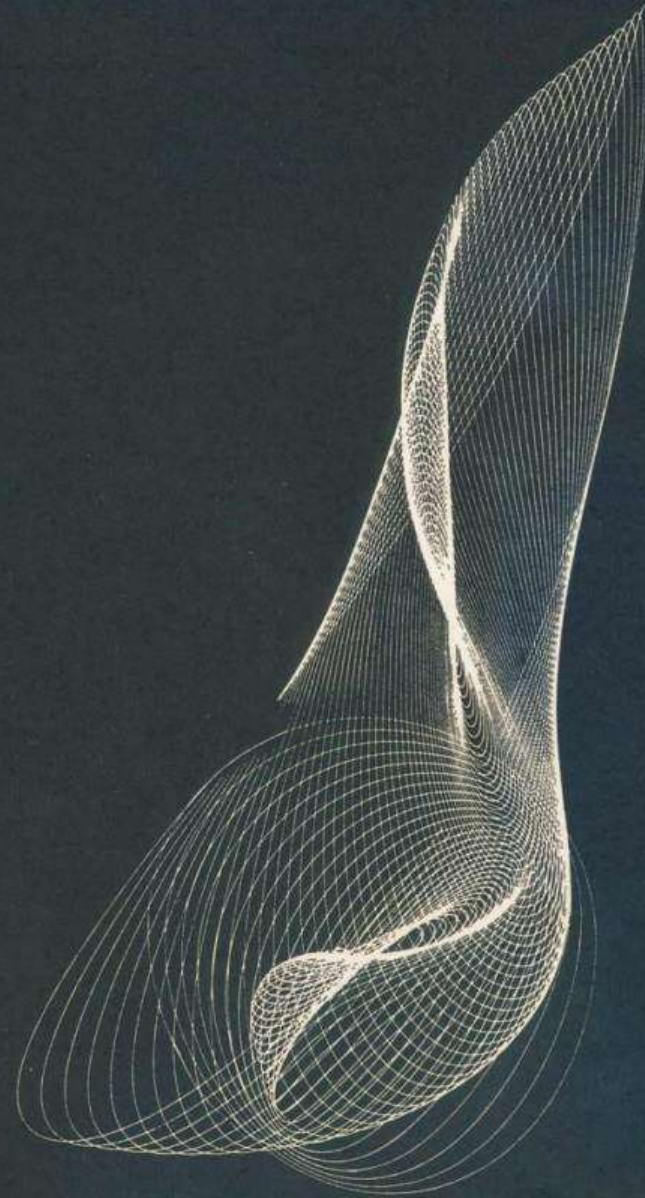
- XII onde se lê: nem se reproduz em lago ou rio
deve ler-se: NEM SE REPRODUZ EM LAGO OU MAR

QUOTIDIANO INÚTIL . . .
SUBLIMAÇÃO DA INUTILIDADE DO QUOTIDIANO

(comigo marca a sua leitura)

**CRÓNICA
DO QUOTI
DIANO IN
ÚTIL**

j. chrystello



PREFÁCIO

É sempre risco desejar-se compreender e explicar – pela redução a valor concetual ou a valor lógico – o sentido que um poeta põe na sua forma expressiva, porque toda a explicação ou justificação se circunscreve, se limita, se faz em relação a conceitos lógicos, o que, sem dúvida, pertence a outras dimensões da existência humana. Esta é sempre indeterminação e problematicidade. Dimensiona-se por sendas que se não podem aprioricamente determinar ou conhecer. Por isso mesmo, é sempre arriscado fazer-se crítica, ainda que, presuntivamente, se apregoem teorias e se defendam direções de pensamento, com o que discordamos, porque, normalmente, o que pretendíamos explicar sobre a conduta dos outros constitui mera opinião. É que a tudo se antepõe a vida. A verdade ou que desejamos que seja é posterior a um curso vital e, por isso mesmo, problema de si própria. Nunca temos na mão a verdade, mas uma madeixa de contraditórias interpretações, sem fundamento ontológico.

Toda a arte será, na sua essência, expressão dum modo de intuir o que se dá ou oferece ao artista como sendo a fulguração da realidade num determinado instante do curso da vida. Dir-se-á ser, no simbolismo das suas formas, a linguagem dum dimensão vital, que se não repete, nem se mede, porque o vivido é forma de tempo e o tempo é irreversível.

O artista, sob pena de atraiçoar a sua função, não de dobra sobre as suas intuições passadas. Não se repete nem vive situações definitivas. É que, para todo o artista, viver é sentir-se em plena atualidade, é estar-se no “agora”, no lance insubstituível ou intransferível das situações em que a emoção é ingrediente que entra no contexto das referências à vida. Justamente por isso, expressar o intuitivamente vivido consiste em dizer ou verter, nas formas de linguagem, o vivido, ou seja, o que aconteceu, como sentimento interpretativo, na alma do artista. – Há sempre conexão entre o intuído e o vivido. – Quanto mais vivo, pleno de energia, tiver sido o misterioso momento da vivência, maior riqueza pode conter a forma expressiva. Talvez, por isso mesmo, seja fácil adivinhar num artista a impostura, quando, nas formas da sua linguagem e pelo seu estilo, não nos comunica algo de novo, de atual, ou não conduz a sentir a riqueza do momento e a energia da vida de que aquele é reflexo.

O que caracteriza a beleza é algo que, ontologicamente, poderá ser para cada um de nós, de modo distinto, singular e que adivinhamos numa realidade que se oferece como possibilidade existencial.

Quando nos encontramos perante um poeta o que interessa conhecer é a que ponto terá ele participado na situação que lhe foi dada viver, para que, da sua plenitude, desse autêntico modo de viver, sintamos, com a mesma energia, idêntica vitalidade, o “mundo” por ele vivido e cuja trama nos é comunicada nas simbólicas notações da linguagem.

Só podemos chegar ao mundo do poeta (como compreender o mundo dos acontecimentos históricos), pelo abandono temporário de nossos hábitos de pensamento ou de nossas funções pensadas, procedendo-se com quem faz um parêntesis na sua vida e se situa no âmbito do momento das criações do poeta. Se o não fizermos, por insensíveis á trama dum situação dada, correremos o risco de poder significar e sentir o que possa existir de pleno, de enérgico, de vital, na forma simbólica de expressão do poeta. Justamente por isso, em relação ao jovem poeta José Chrystello, desejamos que o não vejam com a rudeza e a intranscendência dos conceitos e das deformações dos do pensamento crítico, mas que o olhem com como que mergulhados no seu mundo, no momento de suas vivências. Só desse modo devem ser vistos os artistas e, neste caso, o poeta que temos presente que nos dá conta da sua delicada sensibilidade, da sua inquietude e emotividade, ou seja, dos nexos do vivido e do sentido, dos quais emerge a verdade do poeta, da sua verdade, que pode, também, ser a nossa.

Lisboa, 5 de maio de 1972

SÉRGIO AUGUSTO VIEIRA

aos meus pais de quem nasci
aos amigos que não tive
aos deserdados
e aos outros
os que nunca me lerão
deixo estas páginas perdidas
num qualquer TEMPO VAGO

abril 17, 1972

I. e.10. CRÓNICA DO QUOTIDIANO (março 4, 1970)

- 11 h.
a correr do café com leite para o elétrico torrado.
palavras marteladas pelo HÁBITO INCÓMODO.

- Quinze tostões.
Direito a empurrões, pisadelas.
O pó é grátis.
Por vezes o cheiro da democracia custa a engolir.

- O século vinte é o da poluição.
Chiar metálico, profundo, a fundo.
Projetam-se corpos em várias direções.
Desculpas.
Insultos.
Protestos.

- Chego sempre depois do prof.
Subo as escadas repetidas.
Essencial não correr AGORA.
47 degraus, 4 patamares, 23 degraus mais dois patamares.
Inconvenientes de haver faculdades em sótãos.
Corredores austeros e mudos.
Portas gravemente fechadas.
Abro uma, baixo a cabeça.
Equilibrismo
Sento-me na última fila.
Ao longe, mesmo lá onde o fumo acaba, um tipo discursa.
Língua de símbolos que ninguém entende.
Papalvos olham sem escutarem.
Palavras metálicas chocam na surdez das paredes.
- INEXORAVELMENTE O TEMPO.
Chegar.
Dormir.
Sair.
Sempre caras iguais
 gordas
 coradas
 tímidas
sem remorso nos OLHOS INÚTEIS
sempre iguais
 esguias
 pálidas
ousadia dançando nos lábios sensuais.
O Tó-filho-família continua a trocar de carro cada três meses
ar de superioridade afivelado ao desdém.
Sentado à minha direita um barbudo sebento
limpa unhas com fósforos (ah! estes contestatários!)
Enfim, uns leem, outros fingem que escrevem.
De repente como impelidos por molas, saem, misturam-se.

Perdem-se até se reencontrarem nos mesmos sítios, dias, horas.
Um dia não aparecem.
Passados meses são homenageados, postumamente.
HERÓIS-DE-ESPADAS-DE-TÉDIO;
escudados na indiferença venceram a vida:
jamais tornarão a ler jornais desportivos.
Engrossarão o slogan dos que deixaram de fumar.

- Saio.

Respiro ar poluído e não noto.
Paro à porta da U.
Entram. Saem. Espero.
Por entre corpos que caminham, vejo-a.
atravessámos o HÁBITO INCORRUPTO feito rua,
tomámos o mesmo elétrico.
Falamos, nada dizemos: “adeus, até logo”.
Vejo se há correio, subo.
2 degraus, patamar,
mais 18 degraus no elevador das pernas.
Chave na fechadura.
Sobretudo no bengaleiro, num aconchego.
Livros na cadeira.
Um almoço igual a outros.
À tarde, o café, os amigos de ontem,
esperando hoje um amanhã que os leve.
As petas do costume.
Conversas repetidas.
Irreprimível vontade de mudar,
algo se escoia por entre os dedos do tempo.
Sol disfarçado de sombras
proporcionais à altura, à luz, à superfície.
Nas profundezas a revolta de um grito adiado.

- Jantar.

“A família é um ente coletivo, sagrado, indestrutível”.
Perguntas morrendo sem resposta.
O enfado. O café. Os amigos.
Uma cama com um jornal, um rádio com música.
essencialmente música.
Um sono.
Dormir.
Este todo que se esgota, se repete.
Monólogo de vida,
até um diálogo de morte.
Quem sabe se sonho, pesadelo?
Desânimo.
Um da, noite, sempre.
Até que seja tarde.
Irremediavelmente
como certeza na angústia, essa DOR DERROCADA.

- INCOMPLETA A OBRA.

II. 293. A PALAVRA-BREVE. setembro 29, 1971

A PALAVRA-BREVE suspende-se do fio tenso das bocas
expande-se pelas propriedades elásticas
queda-se no limiar deste SILÊNCIO MASTIGADO.

A PALAVRA-BREVE é uma saudade
dor plangente por quem parte
vai-se de nós esse instante
fica-nos a muda constelação do sonho.
Acordámos com um travo salgado de lágrimas ou estrelas.

A PALAVRA-BREVE nasce com a amizade
na fronteira do interesse
cresce por entre ondas de necessidade
e vai repousar exangue no suor húmido dos amantes.

A PALAVRA-BREVE é o instante-não-imaginado
mediando vida e morte
detendo-se no enfadonho momento
a que postumamente chamaremos feliz
quedar-se-á numa laje branca de cemitério.

III. 312. ESTE TEMPO É QUADRADO (outubro 12, 1971)

ESTE TEMPO É QUADRADO
EM CADA CANTO UMA ANGÚSTIA
O CENTRO SOU EU.
MEU PAI CHAMA-ME (sempre) EGOCENTRISTA.

IV. 309. (insofridamente, vives) (outubro 12, 1971)

Esta lua inventada
prostituta velha, desdentada
de face rugosa, caiada
espera na esquina do TEMPO VAGO
um louco ou poeta que a vá buscar
dormirá com ele em lençóis de luar.
dará o corpo, o nome, a alma,
dela ficarão as palavras dum poema a chorar.

V. 402. (fatum de árvores com sexo nos olhos) (abril 11, 1972)

ainda este fatum de árvores com sexo nos olhos
cio de ramos em abraços lânguidos
estrelas perdidas nas folhas dum TEMPO INCORRUPTO
olhos de propiciarem desejo
espelhos multifacetados
musgo pustulento gerando promessas
na boceta dos sentimentos
entreabrem-se os lábios do vento
altas espigas ondulam sob palavras
movimentos ogivais de prazer
suor sangrento de corpos violados
música mista de instinto e amor.

VI. 271. LISBOA (julho 31, 1968 - maio 21, 1971)

LISBOA, este sentir de perto o longe tão longe
amar o amor não amando
desejo súbito de fugir

LISBOA este amanhã que ficará por hoje
este dar-se de dentro renovado em cada recusa.

LISBOA chão que piso, imagem de sol que amo
este sentir de perto o longe tão longe

LISBOA de ti fala a memória dos dias longe e perto

LISBOA cidade pequenina, onde as pessoas se chocam e seguem
na indiferença ao rio-destino,
provincianismo mesquinho de te saber distante, ausente.

LISBOA impessoal
europeia
americana
que nunca portuguesa

LISBOA este correr rápido, constante, asfixia, cansa, mata,
tempo de agora vivido na pressa de cada momento.
a gente,
os carros,
bulício mecânico,
roda-dentada da civilização rotineira
grilheta do desenvolvimento.
a fauna,
monólogos que se entrechocam.
cara,
mãos,
olhos de cidade,
gestos urgentes que se dão e se vendem,
promessas-mentiras de prostituição aviltada, sofisticada.

LISBOA coletiva,
social,
necessária, enojantemente vendida ao mito,
ao desejo
à farsa
até onde à beleza?

LISBOA onde nunca, mesmo nunca, encontrarás um lisboeta.

porto e maio 29, 1971

VII. 237. POVO (julho 26, 1970)

a tradição em que vivíamos
falava-nos de barcos, terras distantes,
por isso no séc. XX colonizámos a Europa “a salto”

numa mão um saco cheia de esperanças iludidas
na outra um naco seco de pão-centeio,
meses depois bilhete de volta para Portugal.

VIII. 343.2. (a farsa dos dias no calendário) (novembro 2, 1971)

as flores hoje venderam-se bem
para cumprirem o dever anual de murcharem
por entre castiçais, velas, ossadas
hoje as flores sentem-se sagradas
vão nas mãos dos vivos dar cor e perfume aos mortos
mas ninguém reparou
naquela flor murcha
na jarra do “TEMPO INÚTIL”
ninguém pegou nela com mãos de vida
e ela morreu sem flores nem velas.

IX. 270. (nos elétricos) (maio 12, 1971)

nos elétricos
o último banco-de-trás é incómodo
mas, paradoxo
os rapazes tímidos
erguem os olhos do chão
quando entram raparigas
erguem os olhos do chão!

X. 267. onde se fala de guerra (maio 7, 1971)

199.4. introdução

DO LADO DE LÁ DA TERRA
A VIDA FAZ-SE PARA OS HOMENS
QUE A VÃO PERDER NA GUERRA

(onde se fala de guerra)

- a) .
No vietname diferenciam-se as crianças sem ser pela cor da pele
para elas não há noite ou dia, é sempre inferno, destruição.
Com irmãos às costas ou amparadas em muletas
passam com sorrisos embrutecidos a caminho dos hospitais,
é lá que ouvem falar de paz, aos soldados,
por entre paredes que às vezes até são caiadas,
lá onde as camas antecedem campas frugais.
A violência martelará as suas letras 24 horas ao dia:
enquanto andarem nas ruas e estradas hão de ver sangue
cheirar a sangue, palpá-lo, sugá-lo quente.
Para as crianças do Vietname
a fome tem quatro letras, escreve-se à custa de pais e irmãos,
isso aprendem elas a preço de morte, amputação.
Aos cinco anos as crianças viet são soldados
aprendem o manejo de metralhadoras e granadas
e não brincam às guerras nem aos polícias e ladrões.
- b) .
No vietname as crianças têm muitas férias
ao chegarem às escolas, estas já não existem.
Naquelas paragens é irresolúvel o problema da habitação
devido ao clima quente (chamam-lhe explosivo).
Ninguém fala em poluição ou em taxas de mortalidade
a não ser por ironia.
No vietname a censura na televisão é dispensável
as crianças não são afetadas por filmes de terror.
Se as divindades de inúmeros braços fossem contemporâneas
os profetas esculpidos seriam fotos das zonas bombardeadas.
Lá o amor é proibido por causa da falta de tempo.
sempre que há tréguas, milhares de viets
recolhem traumatizados aos hospitais
(o silêncio também mata).
Como desporto autorizado a defesa da vida,
não tem regras, assemelha-se ao tiro-ao-alvo.
- c) .
Os poucos velhos que sobrevivem
não contam o que viram para não terem nojo de nós.
Por isto, sorrio-me de alguém dizendo a meu lado:

“...em Portugal as crianças não chegam a sê-lo,
corrupção, violência, vícios, até na TV...”
rio-me, já o não ouço.
Por entre o vento, lá longe
o matraquear certo da metralha,
pelo clarão das bombas passam soldados a correr
atrás do troar das explosões
com gritos suspensos das gargantas caladas,
vidas que se esvaem em poças de morgue.
Morte.
Violência.
Destruição.
A –M – B- I- Ç- ã –O...

De repente dou comigo a dar esmola a um miúdo.

167. Epilogo.

(à memória póstuma de uma consciência)

EM CADA MINUTO DE SILÊNCIO
HÁ MILHÕES DE GRITOS DE SOCORRO
POR TI IGNORADOS.
ENTRETANTO CONGRATULAR-TE-ÁS
POR TERES TIDO UM MOMENTO DE DESCANSO.

XI. 380. (e tu, refugiada nos corredores do sonho, como arrastas a curiosidade dos dias enganados?) (janeiro 15, 1972

a) .
Rio-me ó caras de mocho
que cruzam os meus ELÉTRICOS DO ETERNO-ENFADO.
olhos piscos, observadores, cabeça rodando em movimentos calculados
medindo de alto a baixo as pessoas,
ar perscrutador, crítico.
pergunto: que ideias habitarão a cabeça encanecida?
quantos crimes contra o tradicional lá terão sido julgados?

b) .
Ontem ou um qualquer outro DIA IMAGINADO
um mocho de sexo indefinido pela idade
tirou-me medidas
à distância dos bancos opostos,
nos olhos piscos
eu criava o retrato de mim:
-- ...cabelos com'ós duma rapariga,
e as barbas parecem dum cristo!
Que exagero aquele nó de gravata!
Mas bem compostinhos, lá isso está
colete, corrente d'ouro, mas d'aliança, valha-o deus!
Esta gente tem medo que lhes não chegue o tempo?
Casam-se ainda crianças, não há meio de me habituar
e corcovado que até parece marreca, se calhar é,
os vícios é que os põem assim,
habitua-se novos, depois mirram,
reparando melhor até tem cara de velho.
Mas rico fato e a camisa lavrada?!
(de que mais se hão de lembrar agora?)
Parece aquele da televisão
como é que se chamava...
se calhar é aquele cantor o ...
"BILHETE !!! ?
Ó senhor!...parece qu'embirrou comigo!
já mo pediu três vezes,
é de dois e quinhentos, pois então!
Ora não querem lá ver o raio do homem!
Pobrezinha senhor, mas honrada que nem as honradas
ora o raio do home!"
E sapatos com fivela
parecem do meu defunto avô
que Deus lá tenha! (benze-se)
Olha...traz livros
se calhar anda na universidade
e casado, vejam lá!
Que cara, tão pálido e que olheiras, Jesus!
É o que eu digo noitadas, bebidas
depois ficam que nem múmias ou lá o que é!

Vai sair, se calhar mora nestes prédios novos
não sei como conseguem viver tão alto
tem prá'í dez andares
até tinha vertigens, eu,
não me queria ver lá
sem me poder chegar a uma janela:
umas alturas, *nem se vê quem passa...!*"

c).

"A senhora se quiser pode sentá-lo aqui
no meio cabe bem, graças a Deus,
chegue-se mais pra cá.
Que rico menino! Quantos anos tem?
ai Jesus que crescido está!
já anda na escola?
bem me queria parecer
é como a minha linda netinha,
mas que lindo menino (acaricia-lhe os cabelos)
chegue-se mais, não tenha medo!

XII. 378. EU SOU O RIO (janeiro 3, 1972)

EU SOU O RIO
TENHO-TO DITO REPETIDAS VEZES.
CAMINHO DA NASCENTE
DIREITO ÀS AREIAS,
O RIO NÃO ACABA
NEM SE REPRODUZ EM LAGO OU MAR
VAI FRACO, MORIBUNDO
ATÉ ÀS DUNAS.
EU SOU O RIO.

...

SÓ SE É RIO UMA VEZ (NA VIDA).

XIII. 338.4. CROSS ROADS

SEGUIMOS CAMINHOS CRUZADOS
NA ESPERANÇA INFUNDADA
DE NOS ENCONTRARMOS NO INFINITO:
E NINGUÉM LHE VAI PEDIR
A ANTECIPAÇÃO DESSE ENCONTRO.

XIV. 392. (a mulher de gaze voltou, gesto de bruma rasgando lembranças) (março 7, 1972)

com a palavra desconhecida
roçando o chão
ergue-se a montanha de cristal
transparente, lúcida, vibrátil,
a palavra gerada
num rojo às estrelas
cresceu,
preenche multiplicou-se,
estendeu ramos de luz
tu, construída de trevas, algas e cinzas
abriste os olhos do sonho
no bordel do teu corpo
à luz rasa do cabelo,
boca sensual
sombra leve com pavor de linguagem,
despida de música;
subiste da colina turva
com sons pensativos,
penetraste de joelhos no grito,
imploraste com lágrimas arrancadas às nuvens,
deixaste cair contigo o orgulho
num sorriso molhado,
mãos crispadas em frenéticos vaivéns,
erichada a súplica
fingem que ta ouvem
no seio da noite,
uma melodia nova
baila-te no coração incorrupto
nessa pedra de ondas revoltas
sino musguento gemendo num SILÊNCIO BRANDO,
penetra-te a voz oculta na noite
a palavra indiferente fixa-te à escravidão,
com sexo num murmúrio vago
agradeces de joelhos,
o teu comboio maldito
continuará rasgando o chão
como corpo de terra lavrada,
ferramentas de sangue
bandeiras de espuma esmiuçada;
o enorme talude de montanha de cristal
sem palavras que o escalem
aceita afagos às trepadeiras desenfreadas
sobranceiro ao vaivém de sombras pardas;
muros inóspitos sem oceanos nem jardins de cravos,
colinas nuas onde sobem mãos de pássaros,
lâminas altas, cortantes;
na atmosfera perdida em passos
a paisagem ergue-se abrupta e respira...

no silêncio das noites de cio
continuarás a vender o corpo
rojada às estrelas sem brilho,
no chão onde as palavras passam
só tu não calcas o desejo com palavras.

XV. 347. como é triste sermos adultos (novembro 2, 1971)

EU QUERIA SER DEUS
COM ALMA DE CRIANÇA,
PARA NÃO OUVIR AS CRIANÇAS
DIZEREM MAL DE DEUS.
QUEM CRIA O HOMEM
A FOME, A GUERRA E A MORTE
TEM FORÇOSAMENTE DE SER TIDO POR MAU.

XVI. 373. CRISTO (RE)CRUCIFICADO (dezembro 22, 1971)

a).

Mudo, no seu silêncio de metal castanho
quieto, no seu imobilismo de crucificado
calado, no seu ofício de não chorar a dor
cego, por ver mais que outros
surdo, a discursos e promessas,
assim evoco o crucifixo
por sobre a minha cama de criança.
Atemorizava-me!
No metal vulgar, algo sobrenatural
me impelia a só dormir após uma prece.
Recordo-o
sem sangue escorrendo das chagas
sem saber da sua sede de vinagre,
já os olhos acobreados não personificam sofrimento,
nem se lê dor na boca entreaberta,
a coroa de espinhos não tem flores.

b).

(Neste crucifixo de metal acastanhado
Cristo existiu apenas em corpo e alma de minério,
não salvou corpos enquanto não pregou às almas,
não arrastou turbas fanáticas ou crentes,
não caminhou por sobre as águas,
nem multiplicou o pão.
Aqui Cristo esteve encarcerado
sem poder lançar a semente do novo-testamento,
sem fazer milagres
nem desafiar governos corruptos.
Calado,
imóvel,
a tudo assistiu sem dar um passo fora da parede
sem uma palavra, um conselho.
Talvez estivesse mais humano,
não havia pobres nem doentes,
os fariseus não mercavam em templos sagrados,
tudo era banal.
Talvez por isso no lugar do crucifixo
esteja agora uma planta da cidade
manchada de sangue, morte, ódio, até amor,
e eu já não rezo preces a símbolos.
As paredes acabariam por recusar
o peso de mil e tantos anos
de palavras de paz diariamente desmentidas.
Hoje, talvez, descrença num Cristo
imolado a todo o momento
sem Deus-Pai que o salve.
MORRER TAMBÉM CANSA.)

c).

Hoje, máquinas feitas por homens
substituíveis a qualquer contratempo
proclamam índices de produtividade, eficiência,
ignorando amor ao próximo são endeusadas.
E quem sabe se o crucifixo terá sido fundido
na voragem de um qualquer DEUS-MÁQUINA?!

d).

Portugueses e tradicionalistas
introduzindo inovações técnicas
comemorarão o nascimento de Cristo
em presépios de luz indireta,
palha sintética,
bafo elétrico,
Reis-Magos telecomandados,
louvores pastoris gravados em disco.
E Jesus será um boneco mecânico
controlado à distância.

-- Assim consumaremos a homenagem a mais um mito --

XVII. 360.2. (a planta da cidade na parede em frente) (novembro 28, 1971)

e as ruas do silêncio onde estão?
onde moram as prostitutas de corpos engelhados sem direito à reforma?
onde são os bairros elegantes e as avenidas novas da mentira?
onde fica o casebre-de-lata construído de ilusões?
onde ficam as ruelas de má-fama com sonhos desfeitos,
trapos pendurados às janelas sem sol?
onde vivem os frustrados, os padres-ricos, os senhores?
coabitam todos no emaranhado de traços, do papel da parede?
os cidadãos com a 4ª classe que vão aos barbeiros de 4ª,
vivem em enxovias e comem o pão que ninguém mais quer, onde estão?
os barqueiros do douro prematuramente reformados
à espera de sonhos para passarem à outra banda,
onde dormem com suas barcaças velhas?
os mendigos das esquinas, os pedintes, os aleijados,
os estropiados, os cegos arranhando violinos mudos, onde comem?
os meninos sem casa, crescendo por entre a vida
onde vão fazer amor com as raparigas sem futuro?

-- e a isto nada me responde a planta da cidade --

XVIII. 343.1. (dia de fiéis) (novembro 2, 1971)

parado, com respeito de vivo
por entre veneradores de memórias-saudade
observo as faces humoradas das pessoas anónimas
sinaleiros uniformizados regulam o trânsito
param com um sorriso malicioso nas pupilas brilhantes
com corpo de adormecer estrelas passa uma figura impante de formas
os carros param, há comentários
brilham sóis no sexo das pedras pisadas
e lá dentro no cemitério do “eterno repouso”
nem um só morto se moveu dentro do caixão.

XIX. 388.2. um poeta-ministro das finanças (fevereiro 10, 1972)

Um poeta-ministro das finanças
seria uma calamidade económica.
Se houvesse um ciclone
não importaria o vento nas frestas do ministério
haveria subvenções aos desgraçados dos “bidonvilles”.
Quando houvesse um terramoto
seriam salvos os soterrados mais pobres
para terem uma vida (MAIS) decente.
Os ricos pagariam mais impostos
miseráveis, pedintes, velhos
seriam a elite do desafogo.
Os novos teriam subsídios de amor.
Os industriais da guerra passariam a lavradores
para ninguém morrer de fome.
Num país assim os poetas seriam desnecessários
para dar corpo a tal mito.
Mas é urgente descobrir um poeta

REPITO

É INDISPENSÁVEL UM SÓ!

PARA MINISTRO DAS FINANÇAS.

XX. 404. (o poeta disfarçado de mágico) (abril 21, 1972)

o poeta disfarçado de mágico
parte e vai
trânsito de ideias cruzando ruas
-- fantasias e automóveis. –
Mesmo no centro da praça com estátua
uma pomba anónima suja a cidade
fazem-se revoluções nos cafés das utopias
sentadas em torno de chávenas vazias.
O povo avulso clama em altos brados
-- súplicas esbatidas no ruído da cidade –
exigências que se prolongam agudas,
governantes sorriem afáveis
apertos de mão
palmadas nas costas...
a esperança adiada, desvalorizada
sempre a esperança em mãos que se embrulham
contas por pagar
traumatismos inúteis em busca de desculpas com juro.
A inflação dos bolsos vazios
bocas com fome nos dias desesperados.
O sorriso para turista ver e comprar
-- almas de luto em caras de festa. –
O poeta disfarçado de mágico
é o povo
diariamente passando subvivo
coração de pomba
com um cadáver no estômago,
ilusões coloridas no chapéu
para pagar dívidas.

(O povo disfarçado de ilusionista
morre anonimamente em praças sem estátuas
prolongam-se revoluções, afogadas em chávenas vazias
preços sobem à medida que vidas baixam,
...e depois dizem que a mortalidade é alta em ...)

XXI. 407. ODE (abril 24, 1972)

os dedos são o engenho ancestral
boca, sexo, movimento perpétuo
animo-os repetidamente com gestos pensados
calculados
repetidos.

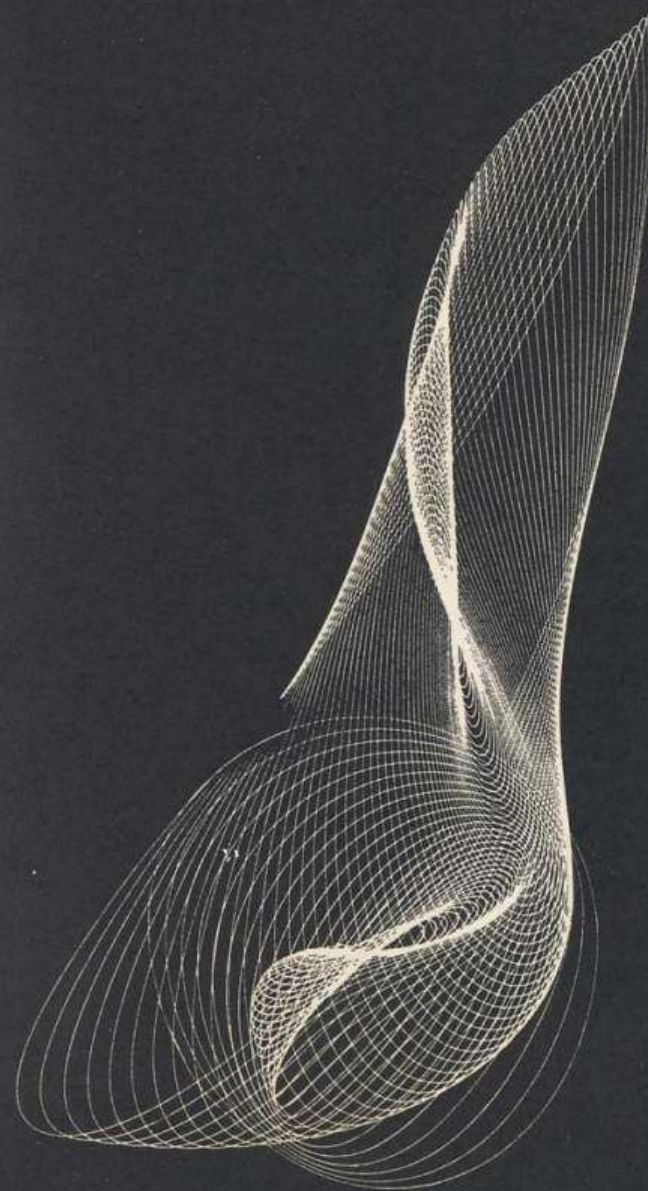
Os dedos são a medida do TEMPO VAGAROSO
suados
calosos
trémulos
linguagem universal de poesia.

Os dedos são a poesia
vibrantes pedras
raro metal,
eternas máquinas de fabricar dinâmica
eles partem e vão
arrojados exploradores do silêncio
à conquista da seiva branca, virgem,
empunhando moderna arma
filha da técnica atual:
a esferográfica.

Os dedos-bandeirantes-sem-medo
partem e vão, indómitos
desbravando a folha branca, enorme
trilhando caminhos insuspeitados
traçando hieróglifos nos confusos mapas
carícias brandas de cristal que não arde.
Não rasgam corpos de bruma
nem destroem ignotas civilizações
apenas escrevem poemas nas folhas de papel.

CRÓNICA DO QUOTI DIANO IN ÚTIL

j. chrystello



... para todo o artista, viver é sentir-se em plena actualidade, é estar-se no «agora», no lance insubstituível ou intransferível das situações ...

... expressar o intuitivamente vivido consiste em dizer ou verter, nas formas da linguagem, o vivido ...

... quanto mais vivo, pleno de energia, tiver sido o misterioso momento da vivência, maior riqueza poderá conter a forma expressiva ...

... perante um poeta o que interessa conhecer é a que ponto terá ele participado na situação que lhe foi dada viver, para que, da sua plenitude, desse autêntico modo de viver, sintamos, com a mesma energia, idêntica vitalidade, o «mundo» por ele vivido ...

SÉRGIO A. VIEIRA

**CRÓNICA
DO QUOTI
DIANO IN
ÚTIL**

J. Chrystello

908

Capa de LOURDES CARNEIRO

Composto e impresso na Tipografia Rocha • Rua Soares dos Reis, 604 • Vila Nova de Gaia

PREFÁCIO

É sempre risco desejar-se compreender e explicar — pela redução a valor conceptual ou a valor lógico — o sentido que um poeta põe na sua forma expressiva, porque toda a explicação ou justificação se circunscribe, se limita, se faz em relação a conceitos lógicos, o que, sem dúvida, pertence a outras dimensões da existência humana. Esta é sempre indeterminação e problematidade. Dimensiona-se por sendas que se não podem aprioricamente determinar ou conhecer. Por isso mesmo, é sempre arriscado fazer-se crítica, ainda que, presuntivamente, se apregoem teorias e se defendam direcções de pensamento, com o que discordamos, porque, normalmente, o que pretendemos explicar sobre a conduta dos outros constitui mera opinião. É que a tudo se antepõe a vida. A verdade ou que desejamos que seja é posterior a um curso vital e, por isso mesmo, problema de si própria. Nunca temos na mão a verdade, mas uma madeixa de contraditórias interpretações, sem fundamento ontológico.

Toda a arte será, na sua essência, expressão dum modo de intuir o que se dá ou oferece ao artista como sendo a fulguração da realidade num determinado instante do curso da vida. Dir-se-á ser, no simbolismo das suas formas, a linguagem duma dimensão vital, que se não repete, nem se mede, porque o vivido é forma do tempo e o tempo é irreversível.

O artista, sob pena de atraiçoar a sua função, não se dobra sobre as suas intuições passadas. Não se repete nem vive situações definitivas. É que, para todo o artista, viver é sentir-se em plena actualidade, é estar-se no «agora», no lance insubstituível ou intransferível das situações em que a emoção é ingrediente que entra no contexto das referências à vida. Justamente por isso, expressar o intuitivamente vivido consiste em dizer ou verter, nas formas da linguagem, o vivido, ou seja, o que aconteceu, como sentimento interpretativo, na alma do artista. — Há sempre conexão entre o intuído e a expressão. — Quanto mais vivo, pleno de energia, tiver sido o misterioso momento da vivência, maior riqueza poderá conter a forma expressiva. Talvez, por isso mesmo, seja fácil adivinhar num artista a impostura, quando, nas formas da sua linguagem e pelo seu estilo, não nos comunica algo de novo, de actual, ou não conduz a sentir a riqueza do momento e a energia da vida de que aquele é reflexo.

O que caracteriza a beleza é algo que, ontologicamente, poderá ser para cada um de nós, de modo distinto, singular e que adivinhamos numa realidade que se oferece como possibilidade existencial.

Quando nos encontramos perante um poeta o que interessa conhecer é a que ponto terá ele participado na situação que lhe foi dada viver, para que, da sua plenitude, desse autêntico modo de viver, sintamos, com a mesma energia, idêntica vitalidade, o «mundo» por ele vivido e cuja trama nos é comunicada nas simbólicas notações da linguagem.

Só podemos chegar ao mundo do poeta (como compreender o mundo dos acontecimentos históricos), pelo abandono temporário de nossos hábitos de pensamento ou de nossas funções pensadas, procedendo-se como quem faz um parêntesis na sua vida e se situa no âmbito do momento das criações do poeta. Se o não fizermos, por insensíveis à trama duma situação dada, corremos o risco de não poder significar e sentir o que possa existir de pleno, de enérgico, de vital, na forma simbólica da expressão do poeta. Justamente por isso, em relação ao jovem poeta José Chrystello, desejamos que o não vejam com a rudeza e a Intranscendência dos conceitos e das deformações do pensamento crítico, mas que o olhem como que mergulhados no seu mundo, no momento de suas vivências. Só desse modo devem ser vistos os artistas e, neste caso, o poeta que temos presente nos dá conta de sua delicada sensibilidade, de sua inquietude e emotividade, ou seja, dos nexos do vivido e sentido, dos quais emerge a verdade do poeta, da sua verdade, que pode, também, ser a nossa.

5 de Maio de 1972

SÉRGIO AUGUSTO VIEIRA

aos meus pais de quem nasci
aos amigos que não tive
aos deserdados
e aos outros
os que nunca me lerão
deixo estas páginas perdidas
num qualquer TEMPO VAGO

Abril, 17-72

I CRÓNICA DO QUOTIDIANO

— 11 h.

A correr do café com leite para o eléctrico torrado.
Palavras marteladas pelo HÁBITO INCÓMODO.

— Quinze tostões.

Direito a empurrões, pisadelas.
O pó é grátis
Por vezes o cheiro da democracia custa a engolir.

— O século vinte é o da poluição.

Chiar metálico, profundo, a fundo.
Projectam-se corpos em várias direcções.
Desculpas.
Insultos.
Protestos.

— Chego sempre depois do prof.

Subo as escadas repetidas.
Essencial não correr agora.
47 degraus, 4 patamares, 23 degraus mais dois patamares.
Inconvenientes de haver facultades em sótãos.
Corredores austéros e mudos.
Portas gravemente fechadas.
Abro uma, baixo a cabeça.
Equilibrismo.
Sento-me na última fila.
Ao longe, mesmo lá onde o fumo acaba, um tipo discursa
Língua de símbolos que ninguém entende.
Papalvos olham sem escutarem.
Palavras metálicas chocam na surdez das paredes.

— INEXORAVELMENTE O TEMPO.

Chegar.

Dormir.

Sair.

Sempre caras iguais
gordas
coradas
tímidas

Sem remorso nos OLHOS INÚTEIS

Sempre iguais
esguias
pálidas

Ousadia dançando nos lábios sensuais.

O Tó-filho-família continua a trocar de carro cada três meses
Ar de superioridade afivelado ao desdém.
Sentado à minha direita um barbudo sebento
Limpa unhas com fósforos (ah estes contestatários!)
Enfim uns leem, outros fingem que escrevem.
De repente como impelidos por molas, saiem, misturam-se.
Perdem-se até se reencontrarem nos mesmos sítios, dias,
horas.

Um dia não aparecem,
Passados meses são homenageados, póstumamente,
HERÓIS-DE-ESPADAS-DE-TÉDIO;
Escudados na indiferença venceram a vida:
Jamais tornarão a ler jornais desportivos.
Engrossarão o slogan dos que deixaram de fumar.

— Saio.

Respiro ar poluído e não noto.
Páro à porta da U.
Entram. Saiem. Espero.
Por entre corpos que caminham, vejo-a.
Atravessámos o HÁBITO INCORRUPTO feito rua,
Tomámos o mesmo eléctrico.
Falámos, nada dizemos: «adeus, até logo».

Vejo se há correio, subo.
2 degraus, patamar,
mais 18 degraus no elevador das pernas.
Chave na fechadura.
Sobretudo no bengaleiro, num aconchêgo.
Livros na cadeira.
Um almoço igual a outros.
À tarde, o café, os amigos de ontem,
Esperando hoje um amanhã que os leve.
As pêtas do costume.
Conversas repetidas.
Irreprimível vontade de mudar,
Algo se escoia por entre os dedos do tempo.
Sol disfarçado de sombras
proporcionais à altura, à luz, à superfície.
Nas profundezas a revolta de um grito adiado.

— Jantar.

«A família é um ente colectivo, sagrado, indestrutível».
Perguntas morrendo sem resposta.
O enfado. O café. Os amigos.
Uma cama com um jornal, um rádio com música
Essencialmente música.
Um sono.
Dormir.
Este todo que se esgota, se repete.
Monólogo de vida,
Até um diálogo de morte.
Quem sabe se sonho, pesadelo?
Desânimo.
Um dia, noite, sempre.
Até que seja tarde.
Irremediavelmente
como certeza na angústia, essa DÔR DERROCADA.

— INCOMPLETA A OBRA.

II

A PALAVRA - BREVE suspende-se do fio tenso das bocas
Expande-se pelas propriedades elásticas
Queda-se no limiar deste SILÊNCIO MASTIGADO.

A PALAVRA - BREVE é uma saudade
Dôr plangente por quem parte
Vai-se de nós esse instante
Fica-nos a muda constelação do sonho.
Acordámos com um travo salgado de lágrimas ou estrelas.

A PALAVRA - BREVE nasce com a amizade
Na fronteira do interesse
Cresce por entre ondas de necessidade
E vai repousar exangue no suor húmido dos amantes.

A PALAVRA - BREVE é o instante-não-imaginado
Mediando vida e morte /
Detendo-se no enfadonho momento
A que póstumamente chamaremos feliz.
Quedar-se-à numa lage branca de cemitério.

III

ESTE TEMPO É QUADRADO
EM CADA CANTO UMA ANGÚSTIA
O CENTRO SOU EU.
MEU PAI CHAMA-ME (sempre) EGOCENTRISTA.

IV

(insofridamente, vives)

Esta lua inventada
Prostituta velha, desdentada
De face rugosa, caiada
Espera na esquina do TEMPO VAGO
Um louco ou poeta que a vá buscar.
Dormirá com ele em lençóis de luar.
Dará o corpo, o nome, a alma,
Dela ficarão as palavras dum poema a chorar.

V

ainda este fatum de árvores com sexo nos olhos
cio de ramos em abraços lânguidos
estrelas perdidas nas folhas dum TEMPO INCORRUPTO
olhos de propiciarem desejo
espelhos multifacetados
musgo pustulento gerando promessas
na boceta dos sentimentos
entreabrem-se os lábios do vento
altas espigas ondulam sob palavras
movimentos ogivais de prazer
suor sangrento de corpos violados
música mista de instinto e amor

VI LISBOA

LISBOA, este sentir de perto o longe tão longe
 , amar o amor não amando
 , desejo súbito de fugir.
LISBOA, este amanhã que ficará por hoje
 , este dar-se de dentro renovado em cada recusa.
LISBOA, chão que piso, imagem de sol que amo
 , este sentir de perto o longe tão longe
 , de ti fala a memória dos dias longe e perto.
LISBOA, cidade pequenina, onde as pessoas se chocam e
 seguem
 , na indiferença ao rio-destino.
 , provincianismo mesquinho de te saber distante,
 ausente.
LISBOA, impessoal,
 , europeia,
 , americana,
 , que nunca portuguesa.
LISBOA, este correr rápido, constante, asfixia, cansa, mata.
 , tempo de agora vivido na pressa de cada momento.
 , a gente,
 , os carros,
 , bulício mecânico,
 , roda-dentada da civilização rotineira
 , grilheta do desenvolvimento.
 , a fauna,
 , monólogos que se entrechocam.
 , cara,
 , mãos,
 , olhos de cidade,
 , gestos urgentes que se dão e se vendem.
 , promessas-mentiras de prostituição aviltada,
 sofisticada.

LISBOA, colectiva,
 , social,
 , necessária, enojantemente vendida ao mito,
 , ao desejo
 , à farsa
 , até onde à beleza?
LISBOA, onde nunca, mesmo nunca encontrarás um lisboeta.

Porto e Maio 29 - 71

VII POVO

a tradição em que vivíamos
falava-nos de barcos, terras distantes,
por isso no séc. XX colonizámos a Europa "a salto"

numa mão um saco cheio de esperanças iludidas
na outra um naco seco de pão-centeio,
meses depois bilhete de volta para Portugal

VIII

(a farsa dos dias no calendário)

as flores hoje venderam-se bem
para cumprirem o dever anual de murcharem
por entre castiçais, velas, ossadas
hoje as flores sentem-se sagradas
vão nas mãos dos vivos dar côr e perfume aos mortos
mas ninguém reparou
naquela flor murcha
na jarra do "TEMPO INÚTIL"
ninguém pegou nela com mãos de vida
e ela morreu sem flores nem velas.

IX

nos eléctricos
o último banco-de-trás
é incómodo
mas, paradoxo:
os rapazes tímidos
erguem os olhos do chão,
quando entram raparigas
erguem os olhos do chão!

X introdução

DO LADO DE LÁ DA TERRA
A VIDA FAZ-SE PARA OS HOMENS
QUE A VÃO PERDER NA GUERRA

(onde se fala de GUERRA)

- a) No vietnam diferenciam-se as crianças sem ser pela côr da pele para elas não há noite ou dia é sempre inferno, destruição. Com irmãos às costas ou amparadas em muletas passam com sorrisos embrutecidos a caminho dos hospitais. É lá que ouvem falar de paz, aos soldados, por entre paredes que às vezes até são caiadas, lá onde as camas antecedem campas frugais. A violência martelará as suas letras 24 horas ao dia; enquanto andarem nas ruas e estradas hão-de ver sangue cheirar a sangue, palpá-lo, sugá-lo quente. Para as crianças do vietnam a fome, tem quatro letras, escreve-se à custa de pais e irmãos, isso aprendem elas a preço de morte, amputação. Aos cinco anos as crianças viets são soldados aprendem o manejo de metralhadoras e granadas e não brincam às guerras nem aos polícias e ladrões.
- b) No vietnam as crianças têm muitas férias ao chegarem às escolas, estas já não existem. Naquelas paragens é irresolúvel o problema da habitação devido ao clima quente (chamam-lhe explosivo).

Ninguém fala em poluição ou em taxas de mortalidade
a não ser por ironia.

No vietnam a censura na televisão é dispensável:
as crianças não são afectadas por filmes de terror.
Se as divindades de inúmeros braços fossem

contemporâneas
os profetas esculpidos seriam fotos das zonas
bombardeadas.

Lá o amor é proibido por causa da falta de tempo
Sempre que há tréguas, milhares de viets
recolhem traumatizados aos hospitais
(o silêncio também mata).

Como desporto autorizado a defesa da vida,
não tem regras, assemelha-se ao tiro-ao-alvo.

- c) Os poucos velhos que sobrevivem
não contam o que viram para não terem nojo de nós.
Por isto, sorrio-me de alguém dizendo ao meu lado:
"em Portugal as crianças não chegam a sê-lo,
corrupção, violência, vícios, até na TV..."
rio-me, já o não ouço.
Por entre o vento, lá longe
o matraquear certo da metralha,
pelo clarão das bombas passam soldados a correr
atrás do troar das explosões
com gritos suspensos das gargantas caladas,
vidas que se esvaiem em poças de morgue.
Morte.
Violência.
Destruição.
A - M - B - I - Ç - ã - O ...

... ..

De repente dou comigo a dar esmola a um miúdo.

epilogo

(à memória póstuma duma consciência)

EM CADA MINUTO DE SILÊNCIO
HÁ MILHÕES DE GRITOS DE SOCORRO
POR TI IGNORADOS.
ENTRETANTO CONGRATULAR-TE-ÁS
POR TERES TIDO UM MOMENTO DE DESCANSO.

(e tu, refugiada nos corredores do sonho, como arrastas a curiosidade dos dias enganados?)

- a) Rio-me ó caras de mocho
que cruzais os meus ELÉCTRICOS DO ETERNO-ENFADO.
Olhos piscos, observadores,
cabeça rodando em movimentos calculados
medindo de alto a baixo as pessoas,
ar prescrutador, crítico.
Pergunto: que ideias habitarão a cabeça encanecida?
Quantos crimes contra o tradicional lá terão sido julgados?
- b) Ontem ou um qualquer outro DIA IMAGINADO
um mocho de sexo indefinido pela idade
tirou-me medidas
à distância dos bancos opostos,
nos olhos piscos
eu criava o retrato de mim:
— ... cabelos com'ós, duma rapariga,
e as barbas parecem dum cristo!
Que exagero aquele nó da gravata!
Mas bem compostinho, lá isso está
colete, corrente d'ouro, mas d'aliança, valha-o Deus!
Esta gente tem medo que lhes não chegue o tempo?
Casam-se ainda crianças, não há meio de m'abituarem
e corcovado que até parece marreca, se calhar é,
os vícios é que os põem assim,
habitua-se novos, depois mirram-se,
reparando melhor até tem cara de velho.
Mas rico fato e a camisa lavrada?!
(De que mais se hão-de lembrar agora?)
Parece aquele da televisão
como é que se chamava...
... se calhar é aquele cantor o...

"BILHETE IIII ?

Ó senhor! Parece qu'embirrou comigo!
Já mo pediu três vezes,
é de dois e quinhentos, pois então!
Ora não querem lá ver o raio do homem!
Pobrezinha senhor, mas honrada que nem as honradas
ora o raio do home!"
E sapatos com fivela
parecem do meu defunto avô
que Deus lá tenha! (benze-se)
Olha, traz livros
se calhar anda na universidade
e casado, vejam lá!
Que cara, tão pálido e que olheiras, Jesus!
É o que eu digo noitadas, bebidas
depois ficam, que nem múmias ou lá o que é!
Vai sair, se calhar mora nestes prédios novos
não sei como conseguem viver tão alto
têm prá'í dez andares.
Até tinha vertigens, eu,
não me queria ver lá
sem me poder chegar a uma janela;
umas alturas, *nem se vê quem passa...*"

- c) "A senhora se quiser pode sentá-lo aqui
no meio cabe bem, graças a Deus,
chegue-se mais para cá.
Que rico menino! Quantos anos tem?
Ai Jesus que crescido está!
Já anda na escola?
Bem me queria parecer
é como a minha nêtinha,
mas que lindo menino (acaricia-lhe os cabelos)
chegue-se mais, não tenha medo!

XII

EU SOU O RIO
TENHO-TO DITO REPETIDAS VEZES.
CAMINHO DA NASCENTE
DIREITO AS AREIAS,
O RIO NÃO ACABA
NEM SE REPRODUZ EM LAGO OU RIO
VAI FRACO, MORIBUNDO
ATÉ ÀS DUNAS.
EU SOU O RIO.

... ..

SÓ SE É RIO UMA VEZ (NA VIDA).

XIII CROSS ROADS

SEGUIMOS CAMINHOS CRUZADOS
NA ESPERANÇA INFUNDADA
DE NOS ENCONTRARMOS NO INFINITO;
E NINGUÉM LHE VAI PEDIR
A ANTECIPAÇÃO DESSE ENCONTRO.

XIV

(a mulher de gaze, voltou, gesto de bruma rasgando
lembranças)

com a palavra desconhecida
roçando o chão
ergueu-se a montanha de cristal
transparente, lúcida, vibrátil,
a palavra gerada
num rôjo às estrelas
cresceu,
prehe multiplicou-se,
estendeu ramos de luz
tu, construída de trevas, algas e cinzas
abriste os olhos do sonho
no bordel do teu corpo
à luz rasa do cabelo,
boca sensual
sombra leve com pavor de linguagem,
despida de música;
subiste da colina turva
com sons pensativos,
penetráste de joelhos no grito,
imploráste com lágrimas arrancadas às nuvens,
deixáste cair contigo o orgulho
num sorriso molhado,
mãos crispadas em frenéticos vaivéns,
erigida a súplica
fingem que ta ouvem
no seio da noite,
uma melodia nova
baila-te no coração incorrupto
nessa pedra de ondas revoltas
sino musguento gemendo num SILÊNCIO BRANDO.

penetra-te a voz oculta na noite
a palavra indiferente fixa-te à escravidão,
com sexo num murmúrio vago
agradeces de joelhos,
o teu combóio maldito
continuará rasgando o chão
como corpo de terra lavrada,
ferramentas de sangue
bandeiras de espuma esmiuçada;
o enorme talude da montanha de cristal
sem palavras que o escalem
aceita afagos às trepadeiras desenfreadas
sobranceiro ao vaivém de sombras pardas;
muros inóspitos sem oceanos nem jardins de cravos,
colinas nuas onde sobem mãos de pássaros,
lâminas altas, cortantes;
na atmosfera perdida em passos
a paisagem ergue-se abrupta e respira...
no silêncio das noites de cio
continuarás a vender o corpo
rojada às estrelas sem brilho,
no chão onde as palavras passam
só tu não calcas o desejo com palavras.

XV

(como é triste sermos adultos)

EU QUERIA SER DEUS
COM ALMA DE CRIANÇA,
PARA NÃO OUVIR AS CRIANÇAS
DIZEREM MAL DE DEUS.
QUEM CRIA O HOMEM
A FOME, A GUERRA E A MORTE
TEM FORÇOSAMENTE DE SER TIDO POR MAU.

XVI CRISTO (RE)CRUCIFICADO

- a) Mudo, no seu silêncio de metal castanho
quieto, no seu imobilismo de crucificado
calado, no seu ofício de não chorar a dôr
cego, por ver mais que outros
surdo, a discursos e promessas,
assim evoco o crucifixo
por sobre a minha cama de criança.
Atemorizava-me!
No metal vulgar, algo sobrenatural
me impelia a só dormir após uma prece.
Recordo-o
sem sangue escorrendo das chagas
sem saber da sua sede de vinagre,
já os olhos acobreados não personificam sofrimento,
nem se lê dôr na boca entreaberta,
a coroa de espinhos não tem flores.
- b) (Neste crucifixo de metal acastanhado
Cristo existiu apenas em corpo e alma de minério,
não salvou corpos enquanto não prégou às almas,
não arrastou turbas fanáticas ou crentes,
não caminhou por sobre as águas,
nem multiplicou o pão.
Aqui Cristo esteve encarcerado
sem poder lançar a semente do novo-testamento,
sem fazer milagres
nem desafiar governos corruptos.
Calado,
imóvel,
a tudo assistiu sem dar um passo fora da parede
sem uma palavra, um conselho.

Talvez estivesse mais humano,
não havia pobres nem doentes,
os fariseus não mercavam em templos sagrados,
tudo era banal.

Talvez por isso no lugar do crucifixo
esteja agora uma planta da cidade
manchada de sangue, morte, ódio, até amor,
e eu já não rezo preces a símbolos.
As paredes acabariam por recusar
o peso de mil e tantos anos
de palavras de paz diàriamente desmentidas.
Hoje, talvez, descrença num Cristo
imolado a todo o momento
sem Deus-Pai que o salve.
MORRER TAMBÉM CANSA.)

- c) Hoje máquinas feitas por homens
substituíveis a qualquer contratempo
proclamam índices de produtividade, eficiência,
ignorando amor ao próximo são endeusadas.
E quem sabe se o crucifixo terá sido fundido
na voragem de um qualquer DEUS-MÁQUINA?!
- d) Portugueses e tradicionalistas
introduzindo inovações técnicas
comemorarão o nascimento de Cristo
em presépios de luz indirecta,
palha sintética,
bafo eléctrico,
Reis-Magos telecomandados,
louvores pastoris gravados em disco.
E Jesus será um boneco mecânico
controlado à distância.

— Assim consumaremos a homenagem a mais um mito —

XVII

(a planta da cidade na parede em frente)

e as ruas do silêncio onde estão?
onde moram as prostitutas de corpos engelhados
sem direito à reforma?
onde são os bairros elegantes e as avenidas novas da mentira?
onde fica o casebre-de-lata construído de ilusões?
onde ficam as ruelas de má-fama com sonhos desfeitos,
trapos pendurados às janelas sem sol?
onde vivem os frustrados, os padres-ricos, os senhores?
coabitam todos no emaranhado de traços, do papel da parede?
os cidadãos com a 4.ª classe que vão aos barbeiros de 4.ª,
vivem em enxovias e comem o pão que ninguém mais quer,
onde estão?
os barqueiros do douro prematuramente reformados
à espera de sonhos para passarem à outra banda,
onde dormem com suas barcaças velhas?
os mendigos das esquinas, os pedintes, os aleijados,
os estropiados, os cegos arranhando violinos mudos,
onde comem?
os meninos sem casa, crescendo por entre a vida
onde vão fazer amor com as raparigas sem futuro?
— e a isto nada me responde a planta da cidade —

XVIII

(dia de fiéis)

parado, com respeito de vivo
por entre veneradores de memórias-saudade
observo as faces humoradas das pessoas anónimas
sinaleiros uniformizados regulam o trânsito
páram com um sorriso malicioso nas pupilas brilhantes
com corpo de adormecer estrelas passa uma figura impante de
formas

os carros páram, há comentários
brilham sóis no sexo das pedras pisadas
e lá dentro no cemitério do «eterno repouso»
nem um só morto se moveu dentro do caixão

XIX

Um poeta-ministro das finanças
seria uma calamidade económica.
Se houvesse um ciclone
não importaria o vento nas frestas do ministério
haveria subvenções aos desgraçados
dos "bidonvilles".

Quando houvesse um terramoto
seriam salvos os soterrados mais pobres
para terem uma vida (MAIS) decente.

Os ricos pagariam mais impostos,
miseráveis, pedintes, velhos
seriam a elite do desafôgo.

Os novos teriam subsídios de amor.

Os industriais da guerra passariam a lavradores
para ninguém morrer de fome.

Num país assim os poetas seriam desnecessários
para dar corpo a tal mito.

Mas é urgente descobrir um poeta

REPITO

É INDISPENSÁVEL UM SÓ!

PARA MINISTRO DAS FINANÇAS.

XX

O poeta disfarçado de mágico
parte e vai

trânsito de ideias cruzando ruas

— fantasia e automóveis. —

Mesmo no centro da praça com estátua
uma pomba anônima suja a cidade
fazem-se revoluções nos cafés das utopias
sentadas em torno de chávenas vazias.

O povo avulso clama em altos brados

— súplicas esbatidas no ruído da cidade —

exigências que se prolongam agudas,
governantes sorriem afáveis

apertos de mão

palmas nas costas...

a esperança adiada, desvalorizada

sempre a esperança em mãos que se embrulham

contas por pagar

traumatismos inúteis em busca de desculpas com juros.

A inflação dos bolsos vazios

bocas com fome nos dias desesperados.

O sorriso para turista ver e comprar

— almas de luto em caras de festa —

O poeta disfarçado de mágico

é o povo

diariamente passando sub-vivo

coração de pomba

com um cadáver no estômago,

ilusões coloridas no chapéu

para pagar dívidas.

(O povo disfarçado de ilusionista

morre anonimamente em praças sem estátuas

prolongam-se revoluções, afogadas em chávenas vazias

preços sobem à medida que vidas baixam.

... e depois dizem que a mortalidade é alta em...).

XXI

ODE

Os dedos são o engenho ancestral

boca, sexo, movimento perpétuo

animo-os repetidamente com gestos pensados

calculados

repetidos.

Os dedos são a medida do TEMPO VAGAROSO

suados

calosos

trémulos

linguagem universal de poesia.

Os dedos são a poesia

vibrantes pedras

raro metal,

eternas máquinas de fabricar dinâmica

eles partem e vão

arrojados exploradores do silêncio

à conquista da selva branca, virgem,

empunhando moderna arma

filha da técnica actual:

a esferográfica.

Os dedos-bandeirantes-sem-medo

partem e vão, indómitos

desbravando a folha branca, enorme

trilhando caminhos insuspeitados

traçando hieróglifos nos confusos mapas

carícias brandas de cristal que não arde.

Não rasgam corpos de bruma

nem destróiem ignotas civilizações

apenas escrevem poemas nas folhas de papel.

ÍNDICE

I	CRÓNICA DO QUOTIDIANO	MARÇO, 4-70
II	PALAVRA-BREVE	SET., 29-71
III	(este tempo é quadrado)	OUT., 12-71
IV	(insofridamente, vives)	OUT., 12-71
V	(fatum de árvores com sexo nos olhos)	ABRIL, 11-72
VI	LISBOA	JULHO, 31-68/MAIO, 21-71
VII	POVO	JULHO, 26-70
VIII	(a farsa dos dias no calendário)	NOV., 2-71
IX	(nos eléctricos)	MAIO, 12-71
X	introdução - (onde se faia de GUERRA) -epilogo	MAIO, 7-71
XI	(e tu, refugiada nos corredores do sonho, como arrastas a curiosidade dos dias enganados?)	JAN., 15-72
XII	(eu sou o rio)	JAN., 3-72
XIII	CROSS ROADS	
XIV	(a mulher de gaze, voltou, gesto de bruma rasgando lembranças)	MARÇO, 7-72
XV	(como é triste sermos adultos)	NOV., 2-71
XVI	CRISTO (RE) CRUCIFICADO	DEZ., 22-71
XVII	(a planta da cidade na parede em frente)	NOV., 28-71
XVIII	(dia de fiéis)	NOV., 2-71
XIX	(um poeta-ministro das finanças)	FEV., 10-72
XX	(o poeta disfarçado de mágico)	ABRIL, 21-72
XXI	ODE	ABRIL, 24-72

ERRATA

- XII onde se lê: nem se reproduz em lago ou rio
deve ler-se: NEM SE REPRODUZ EM LAGO OU MAR

QUOTIDIANO INÚTIL . . .
SUBLIMAÇÃO DA INUTILIDADE DO QUOTIDIANO

(comigo marca a sua leitura)

**CRÓNICA
DO QUOTI
DIANO IN
ÚTIL**

j. chrystello

